

**16/6/1989**

**RURAI**

**Cortadores de cana da região de Campinas entram em greve**

Por Clayton Bianchini

De Campinas

Os cortadores de cana das usinas localizadas na região de Campinas (SP) decidiram aderir à greve deflagrada há doze dias pelos trabalhadores rurais de Ribeirão Preto. Em assembleias realizadas na última quarta-feira à noite, a categoria decidiu paralisar as atividades nas usinas de Cosmópolis, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho e Limeira.

Ontem, o movimento foi aderido pelos trabalhadores de Capivari e, hoje, haverá assembleias com a categoria em Rio Claro e Mogi Guaçu.

Segundo o assessor do departamento rural da CUT em Campinas, Martinho da Conceição, dos cerca de cinco mil trabalhadores da região, 80% aderiu à greve. Eles reivindicam reajuste salarial de 80%, além de aumento real de 50%. Esse índice, se atendido, elevaria a diária de um cortador de cana para NCz\$ 9,00.

Por outro lado, o presidente do Sindicato das Indústrias Fabricantes de Álcool do Estado de São Paulo, Sérgio Coutinho Nogueira, proprietário da usina Estér, em Cosmópolis, informa que a adesão à greve, até ontem, não passava de 50%. Segundo Nogueira, das vinte usinas da região, apenas quatro, entre elas a de sua propriedade, foram afetadas pela paralisação, embora parcialmente.

As usinas localizadas na região de Campinas, segundo Nogueira, respondem por 5% da produção de álcool — no Centro-Sul do País —, estimada neste ano em 10,8 bilhões de litros. Ele afirma que a greve deflagrada em Ribeirão Preto e aderida na região de Campinas "não deverá afetar o abastecimento de álcool no mercado". Em sua opinião, se isso ocorrer, será por qualquer outro motivo.

Nogueira garantiu que a greve em sua usina, a maior da região, não afetou a produção diária de 300 mil litros. "Tínhamos um bom estoque de melaço para continuar a produção", frisou. Ele acredita que o movimento também já se esteja esvaziando em Ribeirão Preto.

Na segunda audiência de instrução e conciliação, realizada ontem no Tribunal Regional do Trabalho, em Campinas, usineiros e trabalhadores não conseguiram chegar a um acordo.

Segundo Marinho da Conceição, "se essa situação persistir, convocaremos assembléias com trabalhadores de Americana e Piracicaba para ampliar o movimento".

**(Página 12)**